

JOSÉ LOURENÇO DA SILVA CASTRO

A minha passagem pelo LFEN (1966-1968)

Acabei, em 1964, a minha licenciatura em engenharia electrotécnica na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto e fui contratado, no mesmo ano, para o lugar de 2º assistente do Laboratório de Física da Faculdade de Ciências da mesma Universidade.

Tendo embora uma formação escolar básica de engenheiro, a ciência da Física sempre me atraiu de uma forma muito especial.

O carisma do Senhor Prof. José Moreira Araújo, de quem fui aluno e, mais tarde, assistente, não foi alheio a esse facto. Comecei, assim, a colaborar em algumas cadeiras ligadas a abordagens gerais, experimentais e complementares da Física e da Electrónica.

Uma bolsa de estudo do Instituto de Alta Cultura permitiu-me integrar um grupo de estudos sobre Mecânica Quântica e suas aplicações e compensou, em parte, a modéstia do soldo de assistente.

Surgiu-me, entretanto, a obrigatoriedade do cumprimento do serviço militar, o que implicou uma deslocação para Lisboa. Eu previ, na altura, uma interrupção da vida académica de 3 a 4 anos, e considerei uma eventual mobilização para o ultramar, sujeito, nessa época, à guerra colonial.

O futuro não confirmou esta hipótese. Acabei por permanecer em Lisboa durante dois anos.

Surgiu, então, a possibilidade de uma colaboração no LFEN – Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, em Sacavém, apoiada pelo meu professor. Fiquei encantado com essa oportunidade de continuar a trabalhar em Física.

Esbateram-se já, na minha memória, alguns contornos de pessoas e factos. Julgo que o essencial ficou!

A minha admissão iniciou-se com uma entrevista formal com o Senhor Director, Dr. Carlos Cacho, onde foram definidos, em termos genéricos, o âmbito e a modalidade da minha colaboração. Eu iria prestar serviço no Departamento do Reactor, como técnico-assistente de 3a. Classe.

Sempre gostei de desafios com margem de progresso.

Seguiu-se uma outra conversa, ainda bastante formal, com o Dr. A. Ramalho e o Doutor Glenn Whan. Ficou assente que eu colaboraria com o Doutor Whan no levantamento do perfil do fluxo de neutrões do Reactor. Mais tarde, entre outras tarefas, colaborei ainda com o Doutor Frederico de Carvalho na concepção e construção de um *chopper* de neutrões. Imagine-se como se deveria sentir um jovem licenciado, entusiasta pela Física, que de átomos, núcleos e afins, pouco mais conhecia do que algumas equações e suas aplicações mais simples. E, apenas, no papel.

A primeira entrada no edifício do reactor, com seu protocolo e suas portas blindadas, seguida da visita à piscina, envolta na auréola azul da radiação de Cerenkov, foi um deslumbramento. Isso, para mim, era um mundo novo. E solene.

No interior respirava-se um ambiente propício ao rigor, ao estudo e à reflexão.

Seguiu-se o primeiro contacto com os grupos de investigação e operação que actuavam no Departamento. Conheci então os Drs. Machado Jorge, Martinho, Salgado e outros, bem como o Eng. Menezes. O Rui Bonfim Barreiros, operador do reactor, também presente, era um amigo de longa data da Faculdade de Ciências do Porto. Imediatamente se estabeleceu empatia e entre-ajuda. Sentia-me à vontade para começar. Tinha uma envolvente humana muito favorável.

Tive ainda oportunidade de me familiarizar com o Departamento de Física onde conheci outros técnicos e investigadores. Alguns deles são hoje bons amigos.

As tarefas que a mim competia executar eram relativamente simples e de forte pendor prático. Realizei-as com entusiasmo. Estudei, experimentei, reflecti, discuti com os meus colegas e com os chefes de projecto. Tive acesso a novas tecnologias e utilizei novos equipamentos.

Passei assim dois anos altamente gratificantes pela formação e experiência adquiridas e, também, pela qualidade das pessoas com quem contactei. A maioria delas ocupa hoje lugares de responsabilidade e prestígio em organizações nacionais de índole científica e tecnológica.

Razões de ordem vária, nomeadamente de natureza familiar, levaram-me a optar pela actividade

privada, deixando o LFEN e abandonando as pretensões académicas.

De regresso ao Porto, trabalhei em várias empresas industriais, ligadas à metalomecânica, às máquinas eléctricas rotativas, aos pneus. Hoje sou gestor numa empresa de cabos eléctricos e de telecomunicações.

Ao longo dos anos enfrentei experiências e desafios diversos. Obtive formação em novas áreas e, sobretudo, acumulei bastante informação, alguma dela inútil ou de carácter oportunista. Sempre procurei privilegiar a formação em detrimento da informação. Consigo memorizar conceitos, mas esqueço facilmente rotinas. É por isso que hoje considero a minha formação em Física e, por extensão, em Física Experimental, aquela que ao longo da vida profissional mais importante e decisiva foi.

Esta mais valia adquiri-a eu, sobretudo, no Laboratório de Física da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e no Laboratório de Física e Engenharia Nucleares de Sacavém. Ela constituiu, de facto, uma assinalável vantagem competitiva na minha vida de engenheiro. Os fenómenos e problemas tecnológicos que me surgiam eram mais facilmente interpretáveis ou eram-me familiares.

O raciocínio estruturado, que o estudo e a reflexão científica impunham, bem como a prática experimental adquirida, davam segurança no terreno da indústria, nomeadamente, no contacto com a produção, com as máquinas, com os contramestres, com os operários.

Sempre tenho tido a sorte do meu lado! A passagem pelo LFEN confirmou esta assumpção. Se me fosse dado escolher, teria sempre escolhido o mesmo percurso.

Sou de opinião que muita gente que aí trabalhou, sente o mesmo que eu sinto. Sem prejuízo da sua missão específica ligada à investigação na área das ciências nucleares e de reactores e à formação de cientistas com essa especialidade, o Laboratório de Sacavém foi sempre uma excelente escola e alfobre, bem como uma plataforma, de técnicos e dirigentes que hoje estão espalhados pelo país fora, cumprindo as mais diversas funções ao serviço da economia nacional.

Sinto-me agradecido ao Laboratório de Física e Engenharia Nucleares e ao seu Departamento do Reactor por ter tido o privilégio de aí ter trabalhado e aprendido.

Nota biográfica

Nascido em 1941, J. Lourenço Castro licenciou-se em Engenharia Electrotécnica em 1964, pela Faculdade de Engenharia do Porto. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, da Universidade do Porto e da EFACEC.

De 1963 a 1966 foi assistente do Laboratório de Física da Universidade do Porto e bolseiro do Instituto de Alta Cultura. De 1966 a 1968 foi Assistente do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, tendo realizado diversos trabalhos em Física e Electrónica. De 1969 a 1973 desempenhou funções como responsável pelo Sector de Ensaios e Qualidade da Divisão de Máquinas Eléctricas da SEPSA. Entre 1973 e 1988 foi Director Fabril da CABELTE - Cabos Eléctricos e Telefónicos, S.A. De 1988 a 1992 assumiu funções como Administrador da MABOR - Manufactura Nacional de Borracha, S.A e de outras empresas pertencentes a este grupo. Cumulativamente (1990-1992) assumiu a Presidência dos Conselhos de Administração da CONTINENTAL MABOR - Indústria de Pneus, S.A e da FORAVE - Escola de Formação Profissional e Tecnológica do Vale do Ave. Em 1992-1994 foi Administrador da COMANOR - Companhia de Manufacturas Metálicas do Norte, S.A e da empresa Petróleo Mecânica Alfa, S.A.

Actualmente é Administrador da CABELTE Portugal, CABELAUTO Portugal, NQF - Energia, S.G.P.S., S.A., Cabelte Holding, S.G.P.S., S.A. e de outras empresas do Grupo Nelson Quintas & Filhos, além de funções de aconselhamento e representação em diversos órgãos. Autor de diversos estudos e projectos relativos ao ramo de engenharia electrotécnica, cabos telefónicos e de energia BT e AT, óptica aplicada às telecomunicações e ainda sobre técnicas de custeio, orçamentação, estatística, etc., aplicadas à gestão industrial.

Outubro de 1999